

## Teorias da conspiração sobre vacinas contra o Coronavírus: uma abordagem discursiva

### Conspiracy theories on Coronavirus vaccines: a discursive approach

Aline Gaspar Pereira<sup>1</sup>  
Marília Lima Pimentel Cotinguiba<sup>2</sup>

**Resumo:** Com base na Análise do Discurso (AD), propomos um estudo de teorias da conspiração sobre vacinas contra o Coronavírus, difundidas na rede social *Facebook* no contexto da pandemia da Covid-19. O objetivo geral é compreender como se dá o funcionamento da linguagem nesse objeto e estabelecer algumas das suas especificidades e regularidades. Para isso, mobilizamos o conceito de semântica global, de Dominique Maingueneau ([1984] 2021). Centramos as análises no plano discursivo dos temas de quatro enunciados, coletados em comunidades públicas da plataforma. Partimos da hipótese de que o discurso conspiratório aspira à mesma função social do discurso da grande mídia, ao pretender estabelecer uma dada compreensão da realidade. Nas análises, estabelecemos três semas reivindicados pela formação discursiva conspiratória – *holismo*, *intencionalidade* e *individualidade*. No plano discursivo dos temas, o *holismo* opera um nível de integração macro, estabelecendo relação direta entre tudo e todos, o que resulta em uma estrutura fractária. A *intencionalidade* rejeita a coincidência como instância capaz de influir na realidade – sob a coação desse sema, o discurso conspiratório estabelece relações de causalidade entre uma vasta gama de acontecimentos. Em um tema imposto ao campo midiático – o da fonte, a *individualidade* coage o discurso a privilegiar fontes individuais e anônimas.

**Palavras-chave:** teorias da conspiração; vacinas; Covid-19; semântica global.

**Abstract:** From the perspective of Discourse Analysis (DA), we propose a study on conspiracy theories about vaccines against the Coronavirus collected from the social network *Facebook* in the context of the Covid-19 pandemic. The main objective is to understand how language works in such object and to establish some of its specificities and regularities. In order to do so, we use the concept of global semantics by Dominique Maingueneau ([1984] 2021). We centered the analyzes on the discursive plan of the themes of four statements, collected in public communities of the platform. This work is based on the hypothesis that the conspiratorial discourse aspires to the same social function as the discourse of the mainstream media, by intending to establish a given understanding of reality. In the analyses, we established three semes claimed by the conspiratorial discursive formation – *holism*, *intentionality* and *individuality*. On the discursive plane of the themes, *holism* operates at a level of macro integration, establishing direct link between everything and everyone, which results in a fractal structure. *Intentionality* rejects coincidence as an instance capable of influencing reality – under the constraint of such seme, the conspiratorial discourse establishes causal relationships among a wide range of events. In a theme imposed to the media field – that of the source, *individuality* coerces the discourse to privilege individual and anonymous sources.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Rondônia (Unir). Porto Velho, Rondônia, Brasil. Endereço eletrônico: [apmlunir@gmail.com](mailto:apmlunir@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Federal de Rondônia (Unir). Porto Velho, Rondônia, Brasil. Endereço eletrônico: [marhil@unir.br](mailto:marhil@unir.br).

**Keywords:** conspiracy theories; vaccines; Covid-19; global semantics.

## Introdução

Teorias da conspiração podem ser definidas como sendo discursos que buscam explicar um fato ou evento: a) por meio da alusão a uma ação coordenada entre indivíduos, grupos ou instituições (os conspiradores); b) ação essa que é executada secretamente, escondida dos inocentes (as vítimas que não conspiram); c) e que tem por objetivo prejudicar ou manipular um personagem, uma instituição, grupos de pessoas ou populações inteiras (o plano secreto maligno) (Nicolas, 2016; Introne *et al.*, 2020). Pode-se afirmar que o conspiracionismo propõe uma visada alternativa para os acontecimentos, que rompe com as versões ditas oficiais apresentadas pela grande mídia, hegemonicamente aceitas por uma sociedade em uma dada época, com base na chancela de outras autoridades epistêmicas, como a ciência e o Estado. Adeptos das teorias da conspiração tendem a defender que: a) nada acontece por acaso, e os eventos que parecem coincidência são propositalmente arquitetados para criar essa impressão; b) tudo está interligado, precisamente porque nada é por acaso – a rede de conexões entre os diversos eventos é que está oculta; c) nada é o que parece ser – as aparências enganam, porque os conspiradores querem nos enganar de modo a disfarçar as suas identidades e propósitos; d) e a maior parte da informação emitida pelos governos e em circulação na mídia é digna de suspeita; fontes alternativas é que são fidedignas (Barkun, 2003). Embora seja um fenômeno que se fez presente ao longo da história, recentemente, o conspiracionismo tem ganhado a ribalta do debate público, especialmente em virtude da plataforma de amplo alcance que tem na Internet, o que dá expressividade singular ao fenômeno (Cesarino, 2022). De fato, as plataformas digitais e o seu modelo de negócios, baseado em algoritmos, têm possibilitado uma maior conexão entre públicos que aderem a esses discursos, que antes estariam dispersos e menos organizados, o que conseqüentemente ajuda também a angariar novos adeptos.

No contexto recente, um alvo importante dos discursos conspiratórios, especificamente daqueles que circulam na Internet plataformizada, tem sido as vacinas contra o SARS-CoV-2, um novo tipo de Coronavírus cujo surgimento e transmissão sustentada nos diversos continentes desencadearam a pandemia da Covid-19 (doença causada pelo novo vírus), decretada oficialmente em 11 de março de 2020. O início das primeiras pesquisas voltadas para a produção desses imunizantes se deu ainda em janeiro de 2020. Desde então, eles foram sendo apregoados pela ciência, pelas autoridades sanitárias estatais e pela grande mídia como um instrumento fundamental para a diminuição drástica do número de mortes e dos casos de

desenvolvimento de formas graves da referida doença. Opondo-se a essa versão que podemos considerar *oficial*, teorias da conspiração apresentam esses imunizantes como instrumento central de diversos planos maléficis, empreendidos em segredo, de forma oculta do restante da população, por diferentes atores. Esses conteúdos acabam por moldar a visão dos indivíduos sobre a pandemia e, conseqüentemente, a adesão à vacinação. Para isso, contribui o fato de que os algoritmos aplicados às redes sociais tendem precisamente a impulsionar a proliferação desse tipo de publicações, pois são elas que maximizam o tempo de tela dos usuários e, conseqüentemente, geram lucro (Netlab UFRJ, 2022). O modelo de negócios em questão está baseado na economia da atenção humana, entendida como um bem escasso que pode ser tratado como mercadoria. Assim, o que é comercializado não é o conteúdo em si mesmo, mas a atenção do usuário – ou seja, essa atenção é que vendida aos anunciantes –, e cerca de 90% da receita do *Facebook* vem de publicidade (Investidor 10, 2021). Sendo assim, a qualidade do que circula na plataforma migra para um plano secundário, sendo mais difundidos precisamente os enunciados capazes de sequestrar a atenção do público (NETLAB UFRJ, 2022).

Nesse contexto digital, o conspiracionismo tem sido apontado pela literatura especializada como um dos instrumentos de descrédito dos imunizantes por parte do chamado *movimento antivacinas* e como um dos fatores que contribuem para a chamada hesitação vacinal, expressão que designa um conjunto de posturas em relação ao ato de vacinar que vai do receio até a total recusa (Machado; Siqueira; Gitahy, 2020). No início da pandemia, esse movimento, até então relativamente inexpressivo em um país com uma tradição de ampla cobertura vacinal como o Brasil, assinalou um crescimento de 18% nas redes sociais consideradas em conjunto (Agência Fapesp, 2020). Um estudo da Agência Lupa (2020) concluiu que o nosso país está entre os que mais produzem teorias da conspiração relacionadas às vacinas contra o Coronavírus, ficando apenas atrás dos Estados Unidos da América (EUA). Essa miríade de discursos conspiratórios em circulação na sociedade brasileira, especificamente nas redes sociais, representa um rico *corpus* para a Análise do Discurso (AD), ainda praticamente inexplorado. É oportuno notar que as abordagens a esse objeto têm sido mais comuns nos campos da ciência política e da psicologia. De fato, como aponta Pereira (2021), são ainda escassas as pesquisas a esse respeito no campo da linguística.

Pensando nessa lacuna, neste artigo, a partir da AD de base enunciativa, propomos um estudo das teorias da conspiração a respeito das vacinas contra o Coronavírus no contexto da pandemia da Covid-19, produzidas em língua portuguesa e veiculadas na rede social digital *Facebook*. O objetivo geral foi o de analisar o funcionamento da linguagem nesses enunciados e identificar algumas de suas especificidades e regularidades no que diz respeito ao tratamento

dado aos temas. Para isso, mobilizamos, principalmente, o conceito de semântica global desenvolvido por Maingueneau ([1984] 2021). Partimos da hipótese de que o discurso conspiratório, no espaço discursivo em que se instaura uma discussão em relação às vacinas contra o Coronavírus, pode ser considerado um discurso do campo das mídias de informação, pois ele busca propor formas (alternativas) de dar sentido aos acontecimentos, ao espaço, ao tempo, aos diferentes atores da esfera pública e às suas ações, reorganizando o modo como os sujeitos significam o real e se significam. Tal como entendidas por Charaudeau (2019, p. 21), as mídias podem ser definidas como “o conjunto dos suportes tecnológicos que têm o papel social de difundir as informações relativas aos acontecimentos que se produzem no mundo-espaço público”. Esse papel de informar resulta na construção da opinião pública e, conseqüentemente, em modos interpretar e de agir sobre o mundo. Sendo assim, defendemos que o conspiracionismo, ao propor certa visada alternativa para os acontecimentos, disputa com a grande mídia esse papel de atuar como estabilizador dos sentidos da realidade. Entendemos como *grande mídia* ou *mídia corporativa tradicional* o conjunto de veículos de comunicação com forte poder de influência na sociedade, que tende a refletir correntes de pensamento dominantes e que abocanha a maior parcela da audiência, impactando um número muito grande de pessoas (Chomsky, 2015). Provida de grandes recursos, essa instância é integrada por corporações que, muitas vezes, estão no topo da estrutura de poder social.

É oportuno referir que estamos cientes de que a expressão *teoria da conspiração* é muitas vezes usada como sinônimo de elucubrações fantasiosas ou infundadas sobre um fato ou evento. Alguns autores criticam o uso da expressão precisamente por esse motivo. Cassam (2019), por exemplo, propõe inclusive que ela seja grafada com letras maiúsculas para distinguir certo tipo de narrativas consideradas extraordinárias e improváveis de teorias plausíveis sobre conspirações reais e já comprovadas. Com isso, ao nos propormos a estudar *teorias da conspiração* e ao nomearmos assim o nosso objeto de pesquisa, acabamos, mesmo que involuntariamente, por atribuir a ele esse rótulo pejorativo. Provavelmente, os sujeitos responsáveis pela produção dos enunciados analisados neste artigo não se veem como *teóricos da conspiração*, tampouco aceitariam de bom grado que essa designação fosse atribuída aos enunciados de sua autoria. A problemática em questão – em que o simples gesto de nomear pode ser confundido com um julgamento depreciativo – está diretamente relacionada às especificidades do nosso objeto e às tensas relações que ele estabelece com outros conceitos, como o de *verdade*. Em parte, essa é uma contenda que também preside ao estudo de fenômenos designados como *ascensão do populismo* ou *crise de representação*, aos quais se atribuem posições negacionistas, etnocêntricas, racistas etc. Legitimando a aproximação que ora

estabelecemos, é oportuno notar que autores como a antropóloga Letícia Cesarino (2022) têm estudado as teorias da conspiração como uma das facetas de um populismo digital que ganhou força nos últimos anos. Por tudo isso, é importante explicitar que, ao nomearmos o nosso objeto de estudo como *teorias da conspiração sobre vacinas contra o Coronavírus*, partimos das assunções de que: 1) existe uma visão oficial dominante sobre tais vacinas, chancelada pela grande mídia enquanto autoridade epistêmica, que alega fundamentalmente que esses imunizantes são benéficos à coletividade e que foram desenvolvidos visando à diminuição do número de mortes por Covid-19 e ao controle da pandemia desencadeada por essa doença a partir de março de 2020; 2) e de que existem discursos que contrariam essa versão oficial, ao associar tais vacinas a diversos *planos secretos malignos*, conduzidos por agentes *conspiradores*, visando prejudicar determinadas *vítimas* – esses discursos, marcados por um caráter não oficial (alternativo) e pela mobilização desses três elementos que acabamos de referir, são tradicionalmente chamados de *teorias da conspiração* na literatura especializada.

Este artigo, que está organizado em outras duas seções, além desta introdução e das considerações finais, constitui um recorte de uma pesquisa de Mestrado intitulada *Linguagem e conspiração: produção de sentidos na pandemia da Covid-19*, defendida pela primeira autora em 2022. Na próxima seção, apresentamos brevemente os conceitos teóricos mobilizados durante as análises e explicitamos os procedimentos metodológicos. Em seguida, apresentamos as análises do tratamento dado aos temas, considerando quatro enunciados.

### **O conceito de semântica global e procedimentos metodológicos**

Conforme já adiantado, o principal conceito que mobilizaremos nas análises é o de semântica global, proposto por Maingueneau na obra *Gênese do Discurso* (2021). De forma resumida, esse conceito propõe que a produção e a circulação dos discursos de uma determinada formação discursiva (FD) estão organizadas de acordo com sistemas de restrições semânticas que incidem sobre as mais variadas dimensões desses mesmos discursos – daí o adjetivo *global*. Essas dimensões são chamadas por Maingueneau (2021, p. 22) de *planos discursivos*. A proposta do autor (2021) rompe com uma teoria da significação concentrada especificamente no estudo do vocabulário ou da sintaxe, uma vez que essa semântica global gera regras para o funcionamento de todas as instâncias do discurso – ou seja, não há um lugar tido como privilegiado para a constituição de sentidos. Rejeita-se, assim, a noção de superfície textual como a instância única de materialização do significado. Não só vocabulário e sintaxe, mas também temas, modo de enunciação e coesão, dêixis enunciativa, entre outros aspectos, concorrem para a construção dos sentidos, de acordo com um mesmo conjunto de elementos

coercitivos.

Maingueneau (2021, p. 137) propõe ainda que, por meio de um sistema de restrições, cada FD repousa sobre um conjunto de unidades de sentido mínimas, “pontos de cristalização semântica” designados como *semas*. Esses *semas* estão repartidos em dois registros: de um lado, os *semas* positivos ou reivindicados; de outro, os *semas* negativos ou rejeitados. Longe de serem encarados como uma arquitetura estática, os discursos tratam esses *semas* de forma dinâmica no interior das relações com outros discursos (relações interdiscursivas). Nesta pesquisa, essa proposta se mostrou uma ferramenta privilegiada, no sentido em que julgamos que ela possibilita compreender um *modo de falar* específico da FD conspiratória.

Conforme já adiantamos, centraremos as análises em um dos planos da semântica global das teorias da conspiração sobre vacinas contra o Coronavírus – o dos temas. Na perspectiva teórica em questão, os temas são abordados de forma ampla, concebidos como “aquilo de que um discurso trata” (Maingueneau, 2021, p. 82). A proposta, nesse contexto, não é estudar cada um dos temas isoladamente ou estabelecer uma hierarquia entre eles, uma vez que a ação deles é perceptível em vários aspectos do texto. Do mesmo modo, entende-se que a especificidade de um discurso não decorre da abordagem de um ou de outro tema, mas do tratamento semântico que eles recebem em cada FD, de acordo com o sistema de restrições vigentes. Maingueneau (2021) estabelece ainda uma diferenciação entre temas impostos e temas específicos. Estes são temas próprios a um discurso, e a presença deles se explica por uma relação semântica privilegiada com o sistema de restrições; já aqueles são temas que devem ser abordados em um dado espaço discursivo, independentemente de serem compatíveis ou não com o sistema de restrições.

Em relação aos procedimentos metodológicos, é importante explicitar que, para a constituição do *corpus*, começamos por realizar um levantamento de *posts* sobre vacinas contra o Coronavírus, colocados em circulação a partir de março de 2020, marco oficial da pandemia, em perfis, páginas e grupos públicos do *Facebook* que se opõem abertamente à vacinação, designados genericamente neste trabalho como *comunidades*. Para isso, utilizamos as ferramentas de busca disponibilizadas pela plataforma e *hashtags* (#) populares que indicassem uma oposição a esses imunizantes, à obrigatoriedade deles para diferentes públicos ou uma depreciação deles, tais como *VacinaNao*, *vaChina* e *naoaopassaportesanitario*. Realizamos uma leitura preliminar dos *posts*, de modo a identificar a presença dos elementos aos quais nos referimos anteriormente, considerados aqui essenciais para a classificação de um discurso como uma *teoria da conspiração* – *conspiradores*, *vítimas* e *plano secreto maligno*. Esse procedimento permitiu estabelecer, entre a miríade de discursos antivacineiros, uma

especificidade para o nosso *corpus*, identificando um ecossistema digital no qual circulam enunciados que podem ser entendidos como *teorias da conspiração*, precisamente por apresentarem esses determinados elementos. A partir dessa triagem, selecionamos quatro enunciados para análise, considerando o marco temporal referido anteriormente.

### **O plano discursivo dos temas em teorias da conspiração sobre vacinas contra o Coronavírus**

Conforme também já adiantado, partimos da hipótese de que a grande mídia pode ser considerada como o Outro do nosso objeto. Para Maingueneau (2021), a ipseidade discursiva se constitui sempre a partir de uma relação com a alteridade – essa instância heterogênea que se opõe ao Mesmo e que o autor designa como *Outro*. As restrições que caracterizam um discurso são inseparáveis do modo como ele ocupa seu espaço em um campo discursivo e, conseqüentemente, do modo como ele entra em concorrência com outros discursos que exercem a mesma função social. Ao serem colocados em relação e de modo a protegerem as suas respectivas identidades, cada discurso interpreta o seu Outro sob uma forma de um simulacro que dele constrói. No caso do nosso objeto, podemos afirmar que o discurso conspiratório opera uma rejeição às versões oficiais promovidas por essa mídia corporativa, em circulação no espaço discursivo relativo às vacinas contra o Coronavírus. Os enunciados do *corpus* rejeitam essa versão e caracterizam a grande mídia como *globalista* e *vendida*, aliada de cientistas criminosos e políticos corruptos, como instância que controla, manipula, mente, dissemina medo, mata ou ajuda a matar. Vejamos o enunciado (E1) a seguir.

#### Enunciado 1 (E1)

Criaram um plano que vem em andamento há anos, a agenda 2030, que vem sendo executada pelos lunáticos mais ricos do planeta [...]. Com a mídia comprada editaram a realidade e geraram uma falsa crise de saúde. Com políticos comprados fizeram leis para obrigar comportamentos. Com as bigfarmas em suas mãos apresentaram uma ‘solução’ que agiliza os planos de redução populacional, item da agenda 2030. É essa a farsa da pandemia, nada mais! E todos esse que a fabricaram vão pagar caro pelos crimes cometidos com o Nuremberg 2.0. (Pesquise!) – Publicação de 12 fev. 2022, às 19h41. Disponível em: <https://bit.ly/3zq5MT9> (<https://perma.cc/Y3DW-ZK69><sup>3</sup>). Acesso em: 20 jun. 2022.

O enunciado revela uma suposta relação de cooperação entre a mídia e outros agentes conspiradores, fazendo remissão à Agenda 2030. Trata-se de um conjunto de ações propostas pela Organização das Nações Unidas (ONU), que, segundo a instituição, visam a “acabar com

---

<sup>3</sup> Incluímos o *link* direto para cada enunciado no *Facebook* e ainda o *link* obtido a partir da plataforma *Perma.cc*, que preserva o conteúdo independentemente do que possa vir a acontecer com a fonte original.

a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade” (ONU, 2022, on-line). Nesse e em outros enunciados com que nos deparamos durante o levantamento de dados, essa iniciativa da ONU é interpretada como um plano de redução populacional, que teria como instrumento as vacinas contra o Coronavírus produzidas pela indústria farmacêutica (as *bigfarmas*, nos termos do E1). O adjetivo *comprada* caracteriza a grande mídia como uma instância corrupta que, por interesses econômicos, aceita ser porta-voz de agentes conspiradores e participe de um genocídio, em uma espécie de reedição do holocausto judeu perpetrado em campos de concentração como os de Nuremberg – daí a referência a *Nuremberg 2.0*. Apresentado entre aspas no E1, o vocábulo *solução* pode ser inclusive lido em uma chave intertextual com o léxico nazista, mais precisamente como a proposta de *solução final* – expressão eufemística que remete ao plano de aniquilação total do povo judeu no contexto da Segunda Grande Guerra. Assim, essa mídia vai sendo associada àquilo que, no imaginário social, é comumente considerado como o *mal absoluto*. Embora o enunciado refira diversos outros agentes conspiradores (os mais ricos, os políticos corruptos, a indústria farmacêutica), é o papel dos meios de comunicação que ganha destaque na imagem que ilustra o *post* (podendo ser visualizada em: <https://perma.cc/Y3DW-ZK69>). Metonimizadas por uma televisão que transmite uma programação de baixa (ou de nenhuma) qualidade, esses meios de comunicação seriam responsáveis por *distrain* a humanidade da emergência de uma *Nova Ordem Mundial*. No ideário conspiratório, essa expressão remete à orquestração de um governo global autoritário que estaria agora na iminência de ser implementado. Na imagem, a *nova ordem* é representada sob a forma de um redemoinho – uma força de evolução incontrolável que, no folclore brasileiro, é inclusive associada a forças diabólicas.

Destacamos inicialmente esse enunciado pois o consideramos emblemático quanto ao modo como o discurso conspiratório vê a grande mídia: trata-se de uma instância que, por interesses econômicos, é capaz das maiores atrocidades e na qual a humanidade não pode confiar. Podemos afirmar que, no regime de veridicação instaurado por esse discurso, a procedência da informação é que define se algo é verdade ou não: o teor dos relatos que circulam na esfera autorizada (ou oficial) migra para um plano secundário, pois qualquer coisa que esse Outro afirme é lido como mentira ou pelo menos com suspeição. O conspiracionismo opera, então, sob um reconhecimento bifurcado: ele reconhece apenas o endogrupo (formado por aqueles alinhados a esse discurso) como legítimo, verdadeiro e *amigo* e rejeita a legitimidade do exogrupo, cujo porta-voz pode ser considerado a grande mídia. Esta passa a ser vista como inimiga, em uma topografia própria de guerra. À semelhança de autores como



Cesarino (2022), identificamos o antagonismo *amigo-inimigo* como eixo estruturador do discurso conspiratório. Esse reconhecimento dual opõe-se ao que podemos chamar *de reconhecimento múltívoco*, característico de uma esfera que reivindica certo diálogo e busca pela convergência. Entendemos que essa operação de rejeição é fundamental para a constituição do nosso objeto de análise, incidindo sobre os diversos planos da semântica global, inclusive sobre o plano dos temas, que passamos a analisar.

Começamos por considerar que a natureza das vacinas contra o Coronavírus e as razões para o seu desenvolvimento são temas impostos ao campo e ao espaço discursivos em questão neste artigo. A reivindicação de uma ruptura em relação às versões oficiais hegemônicas, a que acabamos de aludir, funciona no sentido reinterpretar esses imunizantes como instrumento de diversos planos conspiratórios maléficos, conduzidos em segredo (plano secreto) da maior parte da população (as vítimas), envolvendo elementos diversos, como difusão de doenças, autoritarismo, vigilância, mudança da sexualidade, mutações genéticas, controle populacional, comunismo e genocídio, os quais, como veremos, aparecem de forma simultânea nos enunciados analisados. A autoria desses planos maléficos é atribuída a diferentes conspiradores (a China, o bilionário Bill Gates, a Nasa, entre outros). No recorte a seguir (E2), o enunciador nega a existência do Coronavírus (“o vírus inexistente sars-cov-2”) e identifica as vacinas como um instrumento de mutação genética, desenvolvido pela indústria farmacêutica (o presumido conspirador). Essas vacinas alterariam definitivamente a configuração do DNA humano – a mudança seria tão drástica que daria origem a *ghouls*. Originário do folclore árabe, esse termo designa um tipo de carniçal demoníaco ou de monstro morto-vivo, associado comumente ao consumo de carne humana em cemitérios. Essa referência destitui os vacinados de sua humanidade, atribuindo-lhes um caráter animalizado ao identificá-los com um monstro necrófago e, por isso mesmo, especialmente repugnante.

E2

A vacina contra o vírus inexistente sars-cov-2 que se desenvolveu e se tenta implementar em todo o mundo, é um ARNM (Ácido Ribonucleico Mensageiro). Esta vacina REESCREVA<sup>4</sup> Literalmente o ADN humano. Isso significa que a pessoa que recebe esta vacina DEIXA DE SER UM SER HUMANO PARA SEMPRE!!! Os efeitos deste procedimento são todos catastróficos e imprevisíveis. Se se reproduzir, a pessoa pode procriar ghouls monstruosos. A vacina contra o covid-19 é um genocídio mundial programado. Normalmente, o desenvolvimento de uma vacina eficaz leva até 10 anos de pesquisa, experimentação, fases e verificações. [...] Como primeira medida de proteção pessoal e familiar, duvida da verdade da versão oficial nacional e internacional sobre qualquer tema de saúde. – Publicação de 23 fev. 2021, às 19h30. Disponível em: <https://bit.ly/3h15EDf> (<https://perma.cc/AXM4-759K>). Acesso em: 20 jun. 2022.

---

<sup>4</sup> O texto foi transcrito fielmente, inclusive respeitando eventuais estilizações da escrita.

Conforme noticiado pela grande mídia, algumas das vacinas contra o Coronavírus, como as da Oxford/AstraZeneca e da Moderna<sup>5</sup>, foram desenvolvidas com base no ácido ribonucleico mensageiro (RNA) artificial, modificado em um processo biotecnológico nunca antes utilizado em grande escala. Desenvolvido ao longo de 30 anos, segundo a imprensa, essa tecnologia teria sido central para uma produção célere de alguns imunizantes contra a Covid-19, encurtando um processo que poderia levar muitos anos (BBC NEWS BRASIL, 2021). Na perspectiva de Maingueneau (2021), cada discurso traduz as categorias do seu Outro de acordo com as suas próprias restrições. Ao reivindicar uma ruptura com essa versão da grande mídia, a FD conspiratória interpreta o uso dessa tecnologia emergente como algo digno de suspeita, em um simulacro da versão à qual se contrapõe – a celeridade da nova técnica, que, na versão oficial, constituiria uma vantagem e uma razão para a sua adoção, é ignorada; a técnica é, então, reinterpretada como instrumento mutagênico, em uma relação de compreensão intuitiva, dada a similaridade entre os significantes *RNA* e *ADN*. Vejamos a seguir um recorte do E3. Trata-se da transcrição de um trecho de um áudio produzido no aplicativo de mensagens *WhatsApp*, mas que posteriormente migrou para o *Facebook*.

E3

[...] Eu falei: ‘Doutora, não vou tomar porque para mim isso daí é para colocar a doença em nós, né?’. [...] Ela falou: ‘Colocar doença? Tem muito mais por trás’. E ali ela começou a se abrir comigo. [...] Ela falou que Bill Gates está, está por trás de tudo isso, está associado a todas as empresas de..., das vacinas, né? Que essa Coronavac é fichinha perto daquela que virá. Então, ela explicou que o plasma dessa vacina, que é o líquido, ele vem com uma codificação que traz uma leitura pra inteligência artificial. [...] É como se fosse um *chip*, mas de forma líquida, né?, que é o plasma. Daí, ela estava explicando que através disso eles conseguem controlar a humanidade. [...] Então, eles conseguem [...] jogar uma doença. [...] É, ela está explicando que já existe uma estação espacial, né?, e tudo está sendo é feito justamente para nos dominar, calar nossa boca e nos encurralar. A proposta é reduzir a população. [...] Gente, Jesus está voltando. [...] Então, ideologia de gênero... É isso, né?, a gente sabe que homem com homem não faz filho, nem mulher com mulher. A proposta da, da aprovação do aborto também para que não venha nascer mais ninguém, tudo cercando para que a humanidade seja reduzida, e os robôs tomem conta. – Publicação de 25 jan. 2021, às 10h55. Disponível em: <https://bit.ly/3z53BVN> (<https://perma.cc/XFG9-KUBD>). Acesso em: 20 jun. 2022.

Nesse recorte, são mencionados diversos planos maléficis atribuídos às vacinas: difusão de doenças (“para colocar doenças em nós, né?”), vigilância (“eles [...] tenham o nosso controle através disso”), autoritarismo (“tudo está sendo é feito justamente para nos dominar, calar nossa

---

<sup>5</sup> A vacina AstraZeneca/Oxford resultou de uma parceria entre o conglomerado farmacêutico anglo-sueco AstraZeneca e a Universidade de Oxford (Reino Unido). A Moderna Therapeutics é uma empresa de biotecnologia com sede nos EUA.

boca e nos encurralar”), controle populacional e genocídio (“A proposta é reduzir a população”). Esses elementos são associados ainda ao apocalipse cristão (“Jesus está voltando”) e a outros cenários escatológicos: a “ideologia de gênero” e a “aprovação do aborto” fariam com que “não nasça mais ninguém”; perto do final do áudio, a enunciativa afirma que “um meteoro que está para bater na Terra [...], tudo dentro de uma inteligência artificial”, a mesma aplicada às vacinas. A formulação *Tem muito mais por trás*, que antecede a enumeração desses elementos, dá sustentação a essa multiplicidade de cenários e simultaneamente sublinha o caráter secreto desses planos, que estariam escondidos *por trás* da suposta *verdade* propagada pela grande mídia. Esse enunciado é representativo do que Cesarino (2022) designa como *topologia não linear* ou *fractária* que caracteriza o conspiracionismo. Diferentemente de um conjunto coeso, trata-se de uma estrutura extremamente fragmentada, que se ramifica em diversas direções e que prolifera pela dispersão – ou seja, pela capacidade de abarcar uma vasta gama de narrativas, o que aumenta as chances do seu apelo para diferentes públicos (Cesarino, 2022). As vacinas são, então, integradas a uma teia de diversos cenários conspiratórios, alguns dos quais já previamente em curso. Portanto, no mesmo enunciado, coexistem diferentes intenções atribuídas às vacinas – em oposição a uma única intenção difundida com *status* oficial pela grande mídia. A partir disso, podemos afirmar que um importante sema reivindicado pela FD conspiratória é o *holismo*. No plano discursivo dos temas, conforme ilustra o E3, esse traço semântico-discursivo opera um nível de integração macro, expressando uma totalidade sistêmica que vê relação direta entre todos os acontecimentos, os indivíduos e tudo que os rodeiam. Por isso, no sistema de restrições aqui vigente, virtualmente qualquer acontecimento do passado pode ser integrado à cadeia discursiva e influir na percepção dessas vacinas e dos propósitos para o seu desenvolvimento. Vejamos outro exemplo com o E4 apresentado a seguir.

E4

AGORA TUDO FAZ SENTIDO. 🤔🤔🤔. Caros amigos... lembram-se da cerimônia de abertura dos jogos Olímpicos de Londres 2012, com a figura gigante da morte segurando uma agulha, enfermeiras dançando e todas as crianças em camas hospitalares? Tudo começa a fazer muito mais sentido agora, não? Isso já estava sendo planejado há muito tempo.

– Publicação de 10 jan. 2022, às 13h13. Disponível em: <https://bit.ly/3FIBG78> (<https://perma.cc/YVY9-T45D>). Acesso em: 20 jun. 2022.

No E4, uma passagem da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de 2012, realizada dez anos antes do início oficial da pandemia, é reinterpretada como uma prova de que *isso* – usar as vacinas contra o Coronavírus como um instrumento genocida – já estaria sendo planejado há muito tempo. Essa publicação ilustra o modo como o conspiracionismo vigia as superfícies mais banais para, em uma incessante varredura por sinais e detalhes dispersos,

iluminar os elos ocultos e obter a solução do *quebra-cabeça*. Uma possível contraposição a essa alegação poderia apontar a contradição entre a intenção de desenvolver um plano maligno de forma secreta – o que certamente ajudaria na concretização desse plano – e a decisão de revelá-lo anos antes, em uma cerimônia vista por milhões de pessoas em todo o mundo. Sobre isso, é importante referir que a literatura destaca que o conspiracionismo frequentemente não obedece a princípios epistêmicos básicos, como o da não contradição, sem que isso coloque em risco a sua sustentação (Cesarino, 2022); pelo contrário, o que temos é um reforço da identidade desse discurso quando ele rompe com a interpretação hegemônica de um grande evento midiático como a abertura dos Jogos Olímpicos.

Nas imagens que acompanham o E4 (que podem ser visualizadas em: <https://perma.cc/YVY9-T45D>), temos a “figura gigante da morte segurando uma agulha, enfermeiras dançando e todas as crianças em camas hospitalares”, segundo o enunciador. Esse cenário distópico esquematizado nessa cerimônia mimetizaria o cenário pandêmico, o que enfatiza o caráter farsesco e teatral que a FD conspiratória atribui à crise sanitária. Vestida de preto e com feições assustadoras, essa *figura da morte* é associada às vacinas com base na semelhança entre o objeto empunhado por essa figura e o formato de uma agulha. Em um silenciamento do vírus e do seu potencial letífero, os imunizantes é que assumem o centro da trama da pandemia e são identificados como os responsáveis pelas mortes. Para a produção de sentidos, é também significativa a menção a enfermeiras que dançam, o que nesse cenário sugere regozijo e indiferença em relação à dor e à tragédia alheias. O enunciado destaca ainda crianças ocupando camas hospitalares, em uma remissão ao tópico da violação de corpos infantis, que é uma preocupação ubíqua em teorias da conspiração mais recentes – vide, por exemplo, o QAnon e as suas alegações de pedofilia por parte de uma elite satânica (Cesarino, 2022). É oportuno lembrar que a infância, antes de ser um período definido biologicamente, é uma construção social que, em sua formulação contemporânea, é associada à inocência, à pureza, à bondade, à promessa de um *mundo melhor*, à família unicelular de base heteronormativa. Por isso, a ideia de um corpo infantil, que deve ser cuidado e protegido por essa família, acabar adoecido por uma vacina e prostrado em uma cama de hospital, alvo de um conluio genocida arquitetado há anos, tem um potencial de causar indignação e revolta que suplanta aquele que esse conluio teria, caso as vítimas fossem apenas adultas. Ao associar as vacinas contra o Coronavírus a um plano maligno que não poupa sequer crianças, o E4 pode igualar esses imunizantes ao mal absoluto.

Podemos afirmar que outro sema reivindicado pela FD conspiratória é a *intencionalidade*. No sistema de restrições em questão, rejeita-se a coincidência como instância

capaz de organizar o decorrer dos eventos. Na formulação de uma explicação para as vacinas e para os seus propósitos, percebemos a ação desse sema no estabelecimento de relações de causalidade entre uma vasta gama de acontecimentos. Nas comunidades pesquisadas, o lema *Nada é por acaso e não há coincidência* é reiterado. São também recorrentes as seguintes formulações irônicas após a apresentação de uma suposta correlação entre determinados fatos: “Que incrível coincidência, hein?” e “Qualquer semelhança é mera coincidência”<sup>6</sup>. Essas formulações adiantam-se às interpretações que o Outro faz dessas correlações – por outras palavras, é a voz do Outro que aí emerge, traduzida sob a forma de simulacro como ingênua, como uma percepção defetiva que falha em enxergar uma conclusão tida como óbvia. Durante a coleta de dados, deparamo-nos com um enunciado que defendia que as vacinas seriam criação de Lúcifer (uma das designações do demônio), por supostamente utilizarem um ingrediente chamado *luciferase*.

Conforme já adiantamos, um sistema de restrições não funciona de forma independente no interior de um campo discursivo; é necessário sempre considerar as suas propriedades interdiscursivas. Ao afirmarmos que o discurso conspiratório reivindica os semas *holismo* e *intencionalidade*, entendemos que ele rejeita, interpretando negativamente, a forma como o seu Outro, a grande mídia, reporta os fatos de forma segmentada e estabelece relações de causalidade entre eles. A causalidade remete basicamente à relação entre um evento A (a causa) e um segundo evento B (o efeito), desde que o segundo evento seja comprovadamente uma consequência do primeiro – ou seja, o fato de o evento B suceder ao evento A não implica, necessariamente, que A seja a sua causa. Em termos lógicos, a causalidade é identificada em *se não A, então não B*, dada a ocorrência empírica de ao menos um B. Existem diversos modelos de estabelecimento de causalidades, mas, de forma geral, podemos afirmar que a grande mídia – assim como o discurso científico, por ela reportado – não atribui à coincidência de dois fatos ou à sua sucedaneidade uma relação necessária de causa e efeito. Nesse sentido, os fatos podem ser reportados de forma isolada no tempo e no espaço, e admitem-se, sim, coincidências. Já o discurso conspiratório está fincado na assunção de que tudo está conectado e de que a coexistência de virtualmente quaisquer dois eventos pode ser usada para estabelecer relações de causalidade. O fato de a grande mídia não enxergar causalidade entre determinados eventos, reivindicando o sema *coincidência*, inclusive retroalimenta a certeza da conspiração. De acordo com o sistema de restrições aqui considerado, os eventos foram *intencionalmente* arquitetados de modo a criar a impressão de acaso, o que nos remete ao chamado *caráter autoblindado* (*self-*

---

<sup>6</sup> Conferir, por exemplo, os seguintes enunciados: <https://perma.cc/CD52-NKF8>; <https://perma.cc/SWY8-LLB2>; e <https://perma.cc/TS6G-VDKB>. Acesso em: 04 jun. 2023.

*sealing*) das teorias da conspiração (Lewandowsky; Cook, 2020). Trata-se de um discurso que se protege do contraditório, porque tudo o que possa invalidar as alegações do endogrupo é interpretado como um elemento que reforça a certeza da conspiração.

Um tema imposto ao campo midiático é o da fonte – ou seja, o da procedência da informação. Ao reportar um acontecimento, as instâncias midiáticas recorrem a uma origem legitimadora do dizer, que pode ser uma pessoa, falando por si ou em nome de uma coletividade, uma instituição ou empresa, um documento (Charaudeau, 2019; Lage, 2003). Autores como Lage (2003) consideram que a fonte é a gênese do discurso jornalístico e uma necessidade intrínseca ao processo de relatar. De fato, “poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente da observação direta. A maioria contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos” (Lage, 2003, p. 49). O recurso à fonte pode ser, assim, considerado um dos principais elementos mobilizados pelo discurso midiático no sentido de construir efeitos de verdade e de credibilidade à informação relatada. Por exemplo, a *Folha de S. Paulo* (2010, p. 37-38) distingue quatro tipos de fontes: as do tipo zero são enciclopédias e documentos, que prescindem de cruzamento com outras fontes; as do tipo um têm um histórico de confiabilidade e falam com conhecimento de causa, pois estão próximas do fato e não têm interesses imediatos na sua divulgação; as do tipo dois são as que têm os atributos da fonte tipo um, mas não o histórico de confiabilidade – por isso, é necessário o cruzamento com pelo menos mais um tipo de fonte; e o tipo três, tido como a de menor confiabilidade, pois tem interesses na divulgação dos fatos. Essa tipificação aponta para uma preocupação com a confiabilidade e a pluralidade, segundo critérios determinados. Podemos afirmar, portanto, que, na grande mídia, existe uma padronização que tende a privilegiar fontes oficiais e a exigir o entrecruzamento de fontes para a checagem das informações. Nos termos da perspectiva teórica à qual nos alinhamos nesta pesquisa, o sistema de restrições vigente no discurso da grande mídia reivindica a *mediação* no processo de relatoria de fatos e de construção de uma *verdade*.

Atentemos agora para outro excerto do E3. No recorte apresentado a seguir, a enunciatória discorre sobre uma consulta com a sua ginecologista, que lhe teria revelado a *verdade* sobre as vacinas. A médica é apresentada como alguém que tem informações credíveis – ela mesma faz parte de uma organização internacional ligada ao conspirador, o bilionário Bill Gates, e desde 2018 saberia das discussões acerca da implantação de uma futura pandemia, atuando como uma espécie de delatora ao revelar tudo isso a uma paciente. Trata-se, portanto, de uma fonte anônima – em um duplo sentido: o seu nome não é revelado e, a julgar pelo relato, é uma pessoa comum, uma profissional da saúde que fala do seu lugar de pertencimento a uma

organização internacional relacionada a uma conspiração vacinista e que, por isso, teria informações privilegiadas, mais credíveis. É oportuno destacar que a enunciadora se refere ao teor das alegações da médica com os termos *notícia* e *informação* (“eu fiquei estarecida com uma *notícia*” e “quando você lida com a *informação*”). Assim nomeadas, essas alegações são equiparadas a um relato jornalístico, o que não só aponta para a atribuição de relevância e de novidade aos dizeres da médica, mas também imprime um efeito de verdade ao teor deles.

E3

Bom dia, queridos. Eu quero gravar esse áudio aqui e quero tentar ser breve, mas para alertar quem estiver ouvindo. [...] Hoje pela manhã, eu fiquei estarecida com uma notícia... Na verdade, parcialmente estarecida, porque nós já estamos sabendo tudo que vem por aí, né? Sabemos que Jesus está voltando, mas quando você lida com a informação de quem está envolvida no meio é de um choque muito mais, né? Hoje eu estive na minha consulta de rotina com uma ginecologista que me acompanha há muito tempo aqui no ABC e conversamos sobre a vacina com ela. Eu falei: ‘Doutora, não vou tomar porque para mim isso daí é para colocar a doença em nós, né?’. Falei de uma forma bem simples. Ela falou: ‘Colocar doença? Tem muito mais por trás’. E ali ela começou a se abrir comigo [...]. Ela faz parte da Inteligência Artificial Internacional, dessas reuniões que vêm lá da plataforma do Bill Gates. Ela falou que Bill Gates está, está por trás de tudo isso [...]. – Publicação de 25 jan. 2021, às 10h55. Disponível em: <https://bit.ly/3z53BVN> (<https://perma.cc/XFG9-KUBD>). Acesso em: 20 jun. 2022.

Como vimos, na grande mídia, a identificação das fontes é tratada como um direito do público e como parâmetro da confiabilidade da informação. Embora se admita que as fontes não sejam identificadas nominalmente – é comum ouvirmos, sobretudo em programas jornalísticos de debates e comentários, formulações do tipo “fontes ligadas ao Palácio do Planalto”, “alguém próximo ao presidente”, “um assessor” –, essa prática é desencorajada por determinados veículos, sobretudo no contexto do jornalismo investigativo. Muitas vezes, o anonimato é usado sob a justificativa de preservar a integridade física do informante, em situações específicas. Obviamente, não podemos afirmar se essa foi uma preocupação que se impôs ao relato da enunciadora. De todo modo, uma eventual *checagem* das informações é prejudicada (ou impossibilitada) por se tratar de alguém cujos dados biográficos partilhados com os enunciatários são bastantes vagos – sabemos apenas que se trata de uma ginecologista do ABC. Se tivéssemos contato direto com a enunciadora, a médica estaria a dois graus de separação de nós. Contudo, para nós, ela mesma é anônima, uma desconhecida; o seu relato foi inclusive produzido originalmente em outra plataforma, e só nos chegou como resultado de uma cadeia de milhares de compartilhamentos. Tudo é vago é longínquo – estamos a muitos graus de separação da médica. Tratada individualmente como provedora de uma *verdade*, a fonte anônima produz um efeito de vaguidade no discurso. Podemos, então, afirmar que *individualidade* é um sema reivindicado pelo conspiracionismo e, no que tange à legitimação

dos dizeres, esse sema coage o discurso a privilegiar fontes individuais, anônimas. Nos enunciados analisados, as alegações ganham um caráter testemunhal, em que a fonte é o próprio enunciador. Desse modo, os relatos prescindem de quaisquer mediações, colocando o sujeito em evidência enquanto instância que legitima o que é dito. É oportuno notar que, muitas vezes, os médicos e cientistas alinhados à FD antivacinas tornam-se influenciadores digitais e são alçados a certa condição de estrelato – o caso do ex-médico e hoje ativista Andrew Wakefield, tratado como um *Deus absoluto*<sup>7</sup> pelo movimento, é disso exemplo. Essa deserção, por seu caráter ainda minoritário, destaca-se contra um pano de fundo hegemônico e pode, por isso, ser vista como um ato de heroísmo. Ao estudar a semântica global de uma revista de divulgação científica especializada, ligada a uma agência de fomento à pesquisa financiada pelo governo do estado de São Paulo, Fossey (2006) mostra como as reportagens aí publicadas falam de ciência sem constantemente remeterem aos cientistas. Quando o fazem, os nomes são sempre associados à instituição de origem dos pesquisadores ou a eventuais agências financiadoras – eles falam menos individualmente do que de um lugar legitimado pelas estruturas do campo científico. Esse apagamento individual se dá em prol de uma comunidade de pares, de onde se reforça o posicionamento de que, na dita ciência normal, o conhecimento é construído de forma coletiva, sob regras específicas. Ainda sobre essa ênfase no indivíduo, é também interessante contrastarmos que, na grande mídia, o desenvolvimento das vacinas contra o Coronavírus não foi um feito atribuído a um único cientista, mas a uma equipe ligada a uma universidade, a um laboratório, a uma empresa farmacêutica. Embora possamos afirmar que certos cientistas ligados a esse feito tenham recebido alguma cobertura midiática, como a vacinologista Sarah Gilbert, é razoável afirmar que a maioria do público não saberia associar determinado imunizante a determinado cientista. A cobertura midiática, na esfera autorizada, fez com que as vacinas ficassem conhecidas como *vacina da Sinovac*, *vacina da Pfizer*, *vacina da Oxford-AstraZeneca* etc., designações que enfatizam a ideia de um feito coletivo.

Retomando as nossas discussões, é necessário frisar que, apesar da predominância de um caráter testemunhal nos relatos, o discurso conspiratório, no espaço discursivo e nas condições de produção aqui consideradas, pode admitir uma grande variedade de fontes, desde as referenciadas de forma bastante vaga, com sujeito indeterminado e verbos *dicendi* (por exemplo, *dizem que*, uma fórmula típica do boato), até as tomadas em sua extensão universal – determinado fato está de acordo com *toda a ciência*, com *todos os laboratórios do mundo*, com *todos os médicos*, com *mais de 1.000 estudos e publicações científicas* (sem especificar quais).

---

<sup>7</sup> Esse epíteto atribuído a Wakefield aparece nos minutos finais do documentário *A conspiração antivacina* (2021), que faz um retrato da trajetória antivacínista do ativista, dos anos 1990 aos dias de hoje.



Tem-se, assim, um conjunto muito mais heterogêneo do que as possibilidades aceitas pelo Outro do nosso objeto, e isso também pode ser lido como um índice da estrutura holística (fragmentada, fractária) a que aludimos anteriormente. Em relação às fontes tomadas em sua extensão universal, pode-se afirmar que elas geram um efeito entrópico no discurso. Trata-se do oposto de uma função negentrópica que se atribui à ciência – função de redução da desordem, de “economia enorme na manipulação de dados” ou de “diminuição espetacular do ruído” de fundo para se chegar a uma purificação do fato científico, nos termos de Latour e Woolgar (1997, p. 141). Além disso, essa extensão universal é, em certo sentido, desestabilizadora: encontrada uma única ocorrência que infrinja a relação estabelecida, a proposição é refutada, ou seja, basta haver um único médico que discorde do fato relatado para que o enunciado possa ser considerado falso.

### Considerações finais

Neste trabalho, a partir da perspectiva da AD de base enunciativa, propomos um estudo de teorias da conspiração sobre vacinas contra o Coronavírus, com o objetivo de estabelecer algumas das suas especificidades e regularidades. Partimos da hipótese de que a mídia corporativa tradicional pode ser considerada como o Outro do nosso objeto. A partir disso, defendemos que o conspiracionismo opera sob um reconhecimento bifurcado da realidade, pois ele reconhece apenas o endogrupo como legítimo, verdadeiro e *amigo*, rejeitando a legitimidade do exogrupo, cujo porta-voz é identificado como sendo a grande mídia. Esta passa a ser vista como *inimiga*, em uma topografia típica de guerra (Cesarino, 2022). Esse antagonismo *amigo-inimigo* pode ser considerado o eixo estruturador do discurso conspiratório, tratando-se de um reconhecimento dual que se opõe ao que podemos chamar de *reconhecimento múltívoco*. Apontamos que essa operação de rejeição à instância hegemônica é fundamental para a constituição do nosso objeto de análise, incidindo sobre os diversos planos da semântica global.

Com base nesse conceito de Maingueneau (2021), mobilizado durante as análises, foi possível mostrar como algumas unidades mínimas de sentido, reivindicadas e rejeitadas, incidem sobre o plano discursivo dos temas. Mostramos que o sema *holismo*, reivindicado pela FD conspiratória, dá lugar a uma estrutura fractária que associa elementos dispersos temporal e espacialmente a uma percepção das vacinas contra o Coronavírus e dos propósitos do seu desenvolvimento. Vimos também que a rejeição da *coincidência* permite estabelecer uma relação de causalidade entre as vacinas e diversos cenários conspiratórios, alguns dos quais já previamente em curso. *Individualidade* é outro sema reivindicado pelo conspiracionismo e, em relação à legitimação dos dizeres, tema imposto ao campo midiático, esse sema constringe o

discurso a privilegiar as fontes individuais e anônimas. Em geral, os efeitos de sentido analisados se encaminham para um estilhecimento da noção de *verdade* compartilhada na esfera pública e reforçada pelas autoridades epistêmicas, com a associação dos imunizantes ao mal absoluto, em uma inversão da interpretação hegemônica.

Pesquisas sobre teorias da conspiração à volta de vacinas, especialmente sobre as que circulam nas plataformas digitais, propõem também uma espécie de *método de contenção* para essas narrativas. O artigo de Melo, Broietti e Salvi (2021) é disso exemplo. Esse não foi um dos objetivos desta pesquisa, mas se alguma contribuição podemos lançar nesse sentido é a de reforçar que não estamos perante um discurso compromissado com a verdade que ele mesmo erige – ou seja, o discurso conspiratório pode não obedecer a princípios epistêmicos básicos, como o da não contradição. Além disso, esse discurso se protege do contraditório por seu caráter autoblindado: tudo o que possa contradizer as alegações do endogrupo é interpretado como um elemento que reforça a certeza da conspiração. Por isso, a própria moderação dos conteúdos conspiratórios, excedida pelas próprias plataformas digitais, pode ter um efeito rebote na percepção de censura pelos públicos alinhados a esse discurso. Sendo assim, talvez a ideia de rebater teorias da conspiração com métodos de argumentação tradicionais, como pretendem Melo, Broietti e Salvi (2021), seja apenas *enxugar gelo* na maior parte dos casos. Na AD pècheutiana, diz-se que o esquecimento número 1 faz com que tenhamos “a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentis” (Orlandi, 2013, p. 35). Na esfera digital, podemos afirmar que esse esquecimento é muitas vezes exacerbado por uma alienação técnica dos usuários comuns, que têm a ilusão de operar ainda mais livremente no ecossistema digital, em parte porque eles não detêm acesso à escala global de como ele funciona e porque desconhecem as premissas do modelo de negócios das gigantes de tecnologia. Uma vez que o conspiracionismo é um fenômeno que viceja na esfera digital precisamente em virtude desse ecossistema, defendemos que é necessária uma reforma no viés algorítmico das grandes plataformas e no seu modelo atual de negócios para endereçar essa problemática de forma mais efetiva.

## Referências

A CONSPIRAÇÃO antivacina. Direção: Colette Candem. Produção: Flora Bagenal. Londres: Caravan Media, Quicksilver Media e Channel 4 Television, 2021. 68 min, cor, 2.35 : 1. Disponível em: <https://bit.ly/3SDWvy4>. Acesso em: 30 ago. 2022.

AGÊNCIA FAPESP. **Pesquisadores analisam avanço de grupos antivacina em plena pandemia.** Por Maria Fernanda Ziegler, 22 dez. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3mI67cL>. Acesso em: 09 out. 2021.

AGÊNCIA LUPA. **EUA, Brasil e Espanha lideram desinformação contra vacinas da Covid-19.** Por Maurício Moraes, Rio de Janeiro, 27 ago. 2020b. Disponível em: <https://bit.ly/3o3YJrV>. Acesso em: 18 out. 2020.

BARKUN, M. **A culture of conspiracy: apocalyptic visions in contemporary America.** Berkeley: University of California Press, 2003.

BBC NEWS BRASIL. **Como as vacinas de RNA que nos salvaram da Covid-19 podem derrotar outras doenças.** Por Tim Smedley, BBC Future, 25 dez. 2021. Disponível em: <https://bbc.in/3SXMID5>. Acesso em: 30 ago. 2022.

CASSAM, Q. **Conspiracy Theories.** Cambridge, UK; Medford, MA: Polity Press, 2019.

CESARINO, L. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital.** São Paulo: Ubu, 2022.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias.** 2. ed., 4. reimp. São Paulo: Contexto, 2019.

CHOMSKY, N. **Mídia: propaganda política e manipulação.** São Paulo: Martins Fontes, 2015.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual da redação.** São Paulo: Publifolha, 2010.

FOSSEY, M. F. **A semântica global em duas revistas de divulgação científica: Pesquisa Fapesp e Superinteressante.** 2006. 133 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3o14xZH>. Acesso em: 27 jul. 2022.

INTRONE, J. *et al.* Mapping the narrative ecosystem of conspiracy theories in online anti-vaccination discussions. **SMSociety'20: International Conference on Social Media and Society**, Jul. 22-24, 2020, Toronto, ON, Canadá. Disponível em: <https://bit.ly/3RpOrQB>. Acesso em: 20 ago. 2022.

INVESTIDOR 10. **Entenda de onde vem o faturamento do Facebook.** Por Ruan Carlos, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3D3Wte1>. Acesso em: 20 set. 2022.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. **Vida de laboratório: a produção dos fatos científicos.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

LEWANDOWSKY, S.; COOK, J. **O manual das teorias da conspiração.** Universidade de Bristol, Conselho Consultivo da ciência e da Indústria, Oceanos e Atmosfera, Hobart, Tasmânia, Austrália, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3y2T6kk>. Acesso em: 23 jul. 2022.

MACHADO, D. F. T.; SIQUEIRA, A. F. de.; GITAHY, L. Natural stings: selling distrust about vaccines on Brazilian *YouTube*. **Front. Commun.**, Sec. Science and Environmental Communication, 26 out. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3r6jE0k>. Acesso em: 30 ago. 2022.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. 2. ed. 3. reimp. São Paulo: Parábola, 2021.

MELO, L. W. S.; BROIETTI, F.; SALVI, R. F. Análise do discurso de uma publicação ‘antivacina’ no YouTube e algumas reflexões para a educação em Ciências. **Alexandria Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, 14(2):111-131, nov. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3dHKFUM>. Acesso em: 30 ago. 2022.

NETLAB UFRJ. **Recomendação no YouTube**: o caso Jovem Pan. Especial Eleições 2022. 05 set. 2022, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <https://bit.ly/3dJhlxe>. Acesso em: 30 ago. 2022.

NICOLAS, L. As teorias da conspiração como espelho do século: entre a retórica, a sociologia e a história das ideias. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 12, jul/dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3dKCJOe>. Acesso em: 18 out. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3CztLzV>. Acesso em: 30 ago. 2022.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 11. ed. São Paulo: Pontes, 2013.

PEREIRA, A. G. **Linguagem e conspiração**: produção de sentidos na pandemia da Covid-19. 2022. 192 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2022. Disponível em: [bit.ly/3LQMXp4](https://bit.ly/3LQMXp4). Acesso em: 05 out. 2023.

PEREIRA, I. V. **Teorias da conspiração**: funcionamento discursivo e efeitos de verdade. 2021. 270 f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3BdzNYa>. Acesso em: 23 jul. 2022.

### **Sobre as autoras**

*Aline Gaspar Pereira* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-4831-9163>)

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (Unir). Porto Velho, Rondônia, Brasil.

*Marília Lima Pimentel Cotinguiba* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-1847-4987>)

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), docente do Mestrado em Letras da Unir. Porto Velho, Rondônia, Brasil.

Recebido em julho de 2023.

Aprovado em outubro de 2023.